



CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JUDAS TADEU – CAMPUS UNIMONTE

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS - CURSO PSICOLOGIA

BIANCA PINHEIRO BENTO BALTAZAR

HELENA SOARES FIALHO DE ARAUJO

JULIANA GRANIERI ESTEPHANIN

JULIANA SILVA TEIXEIRA

**PAPEL DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR**

BIANCA PINHEIRO BENTO BALTAZAR

HELENA SOARES FIALHO DE ARAUJO

JULIANA GRANIERI ESTEPHANIN

JULIANA SILVA TEIXEIRA

**PAPEL DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de graduação em
Psicologia do Centro Universitário São
Judas - Campus Unimonte como requisito
parcial para obtenção do título de
Bacharel em Psicologia

Orientadora: Profa. Vanessa Monteiro Bizzo Lobo, Me.

Santos 2023

BIANCA PINHEIRO BENTO BALTAZAR

HELENA SOARES FIALHO DE ARAUJO

JULIANA GRANIERI ESTEPHANIN

JULIANA SILVA TEIXEIRA

**PAPEL DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO AMBIENTE ESCOLAR**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado à obtenção do título de Bacharel em Psicologia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Psicologia do Centro Universitário São Judas Tadeu, Campus Unimonte.

Santos, _____ de _____ de 2023.

Prof. e Orientador: Vanessa Monteiro Bizzo Lobo, Me
Centro Universitário São Judas – Campus Unimonte

Prof. Sandra Cristina Esposito, Me.
Centro Universitário São Judas – Campus Unimonte

Dedicamos este trabalho à todos aqueles que estiveram ao nosso lado durante os cinco anos de graduação e aos professores que nos auxiliaram durante todo esse processo.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente, que sempre nos deu forças para jamais desviarmos do nosso caminho, e conseguirmos chegar até aqui.

Aos nossos familiares, que sempre estiveram do nosso lado, nos apoiando nos melhores e piores momentos durante nossa graduação.

Aos nossos amigos que sempre acreditaram no nosso potencial, e não nos deixaram desistir.

RESUMO

O acompanhante terapêutico é o especialista que, de forma clínica visa promover a autonomia e interação social, e também uma melhora na organização subjetiva do paciente. O AT é indicado para aqueles que se encontram em uma situação de sofrimento psíquico intenso e dificuldade social. O objetivo geral deste trabalho é mostrar como o acompanhante terapêutico beneficia a criança com transtorno do espectro autista (TEA) no âmbito escolar, e como esse acompanhamento pode influenciar em seu aprendizado. Com a utilização da ciência análise do comportamento aplicada (ABA), o Acompanhante Terapêutico (AT) tem uma maior chance de êxito em sua intervenção. Ao longo do trabalho será evidenciado que a terapia ABA atualmente, é o estudo do comportamento que tem melhores resultados no tratamento do autismo. É de suma importância que a criança tenha uma boa interação social desde seu nascimento. Uma das maiores dificuldades da criança portadora de TEA é a socialização, por isso é fundamental que essa criança tenha um acompanhante terapêutico para auxiliá-la na sua inclusão social no ambiente escolar.

PALAVRAS CHAVE: Acompanhante terapêutico. Análise do comportamento aplicada. Autismo.

ABSTRACT

The therapeutic escort is a professional who, clinically, aims to promote autonomy and social interaction, as well as an improvement in the patient's subjective organization. Therapeutic escort is recommended for those who find themselves in a situation of intense psychological suffering and social difficulties. The general objective of the work is to show how therapeutic support benefits children with autism spectrum disorder (ASD) at school, and how this support significantly improves their learning. With the use of ABA (Applied behavior analysis), the therapeutic escort has a greater chance of success in his intervention. Throughout the work it will be highlighted that ABA therapy is currently the study of behavior that has the best results in the treatment of autism. It is extremely important that the child has good social interaction from birth. One of the biggest difficulties for children with ASD is socialization, which is why it is essential that this child has a therapeutic escort to help them with their social inclusion in the school environment.

KEY WORDS: Therapeutic escort; Applied Behavior Analysis; Autism.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
2.	REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1	DEFINIÇÃO DE ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO.....	11
2.2	ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO ESCOLAR.....	14
2.3	TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	16
2.4.	ANÁLISE DO COMPORTAMENTO APLICADA (ABA).....	18
2.5.	TEORIA BEHAVIORISTA COM EMBASAMENTO TEÓRICO.....	21
3.	OBJETIVOS	24
4.	METODOLOGIA	25
4.1.	TIPO DE PESQUISA.....	25
4.2.	PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	25
4.3.	PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS.....	26
5.	ANÁLISE DE DADOS	28
5.1.	IMPORTÂNCIA DO ACOMPANHANTE TERAPÊUTICO NO AMBIENTE ESCOLAR	28
5.2.	DESCREVER OS PRINCIPAIS DESAFIOS DURANTE A INCLUSÃO	30
5.3.	APRESENTAR AS ESTRATÉGIAS INCLUSIVAS ADOTADAS POR PROFISSIONAIS	32

5.4.	IDENTIFICAR COMO O ABA PODE IMPACTAR POSITIVAMENTE	34
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

De acordo com o Manual Estatístico e Diagnóstico dos Transtornos Mentais, 5ª Edição (DSM 5), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é classificado como um transtorno do neurodesenvolvimento que apresenta déficits na comunicação social e interação social, padrões repetitivos e restritos de comportamento, interesses e atividades.

Por se tratar de um espectro, em que os sintomas e o nível de suporte podem variar significativamente de uma pessoa para outra, o tratamento é diferenciado para cada indivíduo. A intervenção mais conhecida e utilizada atualmente é a ciência ABA (Applied Behavior Analysis) que em sua tradução significa Análise do Comportamento Aplicada, que consiste em uma experimentação baseada em controle de variáveis comportamentais. No autismo, é aplicada à educação, ambiente de trabalho, esportes ou qualquer meio em que o indivíduo esteja inserido.

Para que haja sucesso na aplicação da terapia ABA, é necessário que seja aplicado por uma equipe multidisciplinar, com profissionais qualificados. Atualmente crianças autistas possuem um AT (Acompanhante Terapêutico), função que tende a ser preenchido por psicopedagogos, psicólogos, pedagogo, neuropsicopedagogos formados em nível superior e com especialização em ABA, e sua principal função é acompanhar essa criança em suas atividades sociais tanto no ambiente escolar quanto em seu domicílio, realizando intervenções psicoterápicas.

O acompanhante terapêutico poderá ser visto como "um arranizador de contingências de reforço e dispensador de reforço positivo" (SAVOIA & SAMPAIO, 2010, p.39). No ambiente escolar, o AT possui um papel fundamental na criação de vínculo social da criança autista com adultos e crianças neurotípicas, inserção social tanto no ambiente escolar quanto no ambiente familiar, realizar intervenções comportamentais, auxiliar no desenvolvimento de habilidades cognitivas e promover autonomia para esse indivíduo.

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho acadêmico traz como embasamento teórico artigos sobre quem é o profissional acompanhante terapêutico, o papel desse acompanhante terapêutico em ambiente escolar e seu desenvolvimento terapêutico com crianças autistas, conceito e definição de autismo, e definição sobre ABA (análise do comportamento aplicada) assim como análises baseadas na teoria Behaviorista e na prática terapêutica comportamental, pois entre as abordagens na psicologia, essa apresenta resultados mais precisos dentro do campo de terapia com crianças autistas.

2.1 Definição de acompanhante terapêutico

O acompanhamento terapêutico veio como sucessor do movimento antipsiquiátrico e a psicoterapia institucional que aconteceram logo após a década de 50 nos Estados Unidos e Europa. Aqui na América Latina, surgiu por volta da segunda metade da década de 60, em Buenos Aires, Argentina. Essa prática do AT, não era apenas voltada àquela terapia limitada do consultório, também se deslocava para o ambiente em que o sujeito está inserido na sociedade. A grande problemática no campo de atuação de um AT, era a falta de concordância entre as teorias, e o seu conceito ainda não obtinha um acordo científico, foi então que pesquisadores das diversas abordagens teóricas, principalmente a partir do ano de 1980, vieram a ter um interesse por esse tema, por mais que já existissem estudos datados a partir de 1960.

Existem alguns elementos para a formação do conceito de acompanhante terapêutico, porém toda essa diversidade das práticas questiona o reconhecimento de aspectos comuns às diversas formas de sua atuação, e por consequência, à construção de um conceito mais concreto e sólido. Sendo assim, essas controvérsias continuam presentes. O conceito de AT vem se baseando em aspectos como: formação profissional, equipe multiprofissional, referencial teórico e trabalho devidamente desempenhado. (SIMÕES, 2005; ZAMIGNAMI, KOVAC & VERMES, 2007).

A história do surgimento do AT e considerações históricas, são pertinentes, pois de alguma forma auxiliam na descrição das práticas nos dias atuais. O acompanhamento terapêutico é uma modalidade de atividade gerada nos movimentos político-ideológicos da

antiga reforma do movimento antipsiquiátrico, luta antimanicomial e psicoterapia institucional. No eixo deste movimento, foram geradas novas atribuições para o trabalhador de saúde mental, que então passou a ser chamado de auxiliar psiquiátrico ou como atendente terapêutico. (BARRETO, 1998; BENEVIDES, 2007). Em outro momento, o nome acompanhante terapêutico passou a nomear os profissionais que estavam ligados às práticas clínicas, fora do ambiente do consultório e clínica psiquiátrica, e segundo os autores (ESTELLITA-LINS, OLIVEIRA & COUTINHO, 2009; REIS-NETO, 1995), poderia ser definido na reforma psiquiátrica como uma variante de intervenção em saúde mental embasada em cuidados domiciliares, ainda que alguns a situe entre modalidades psicoterápicas.

Logo o acompanhante terapêutico tornou-se um importante aliado no processo de conservação de vínculos sociais e na possível qualidade de vida da pessoa que havia sido afetada por problemas de saúde mental, que diretamente afetam sua aptidão para prosseguir no trabalho, nos estudos, ou até mesmo manter um vínculo sólido no ambiente familiar e cuidar de si próprio. (PITIA & SANTOS, 2005). A análise do comportamento descreve o acompanhamento terapêutico como uma proposta vinculada à Psicologia, e podemos observar que em outras abordagens e outros países configuram essa prática de outra maneira. Autores como Mauer & Resnizky (2008) apresentam uma caracterização do AT à uma perspectiva psicanalítica, e defendem a ideia de que o atendimento seja em abordagem múltipla - ou seja, atender a toda rede familiar do cliente, em uma equipe multidisciplinar - em que o acompanhante terapêutico pudesse ser qualquer profissional que efetivasse saídas e/ou ideias de reinserção social. Na Argentina por exemplo, país que é predominantemente psicanalítico, foi publicado um código de ética dos acompanhantes terapêuticos, em Agosto de 2010, que denomina o atendimento terapêutico como uma profissão regulamentada (LIC & BUSTOS, 2010).

Vários nomes foram atribuídos para a prática de AT, como: atendente psiquiátrico, amigo qualificado, acompanhante domiciliar e acompanhante terapêutico. Essa sequência temporal para as funções do que hoje conhecemos por acompanhante terapêutico é imprecisa. Para Yagiu (2007), o propósito do atendente psiquiátrico era definir conexões com o paciente, e ter uma "escuta diferenciada da loucura" (p.2), de modo que fortalecesse e desenvolvesse melhores relações sociais e propor uma dinâmica nova aos recintos psiquiátricos. Esta descrição de propósitos feita por Yagiu (2007) baseia-se na teoria psicanalítica e, apesar do termo

atendente psiquiátrico não ser mais utilizado na atualidade, a prática do AT, consequente deste contexto e da orientação teórica da psicanálise, ainda é semelhante.

Conforme apresentam Zamignani, Banaco e Wieleśnka (2007), a terapia fundamentada na concepção da Análise do Comportamento tem sido uma opção eficiente e consistente para a problemática relacionada ao comportamento humano, e muito daquilo a que se adere hoje é produto das transformações sucedidas na modificação de comportamento e na análise do comportamento aplicada. Os citados autores ressaltam que, no início, ambas aplicavam seus conhecimentos em lugares que eram considerados fechados, era nesses lugares que os terapeutas tinham fácil acesso e maior controle das variantes ambientais, que então produzia os comportamentos das pessoas que passavam por tal intervenção. Apesar desses ambientes controlados e fechados propiciarem uma maior aplicabilidade para as intervenções, era pouco provável garantir a generalização dos ganhos clínicos no ambiente natural. Posterior a isso, buscou-se implementar procedimentos nos ambientes naturais, que tinham o propósito de modificar as ações do indivíduo. Essa mudança entre os modificadores do comportamento e terapeutas comportamentais, requereu destes profissionais um esforço e empenho, afinal o alvo das intervenções não era mais apenas um, e passou a ser também seu ciclo social sendo pais, filhos, professores e cônjuge, variando de acordo com seu objetivo. (ZAMIGNANI et al., 2007a).

O acompanhante terapêutico poderá ser visto como "um arranjador de contingências de reforço e dispensador de reforço positivo" (SAVOIA & SAMPAIO, 2010, p.39). Este termo que foi utilizado pelos autores mostra o quão é importante a função do laço terapêutico para auxiliar na modelagem de um repertório comportamental novo no cliente. Esse arranjador de contingências pretende realizar condições em que a possibilidade de alcançar reforçadores positivos aos comportamentos a se tornarem modelados de maneira potencializada. Zamignani (1997), sugere que esse estabelecimento de laço terapêutico é indispensável para a adesão à terapia.

2.2 Acompanhante terapêutico escolar

No âmbito escolar, o acompanhante terapêutico trabalha com a prática de inclusão, tornando-o percebido como a pessoa responsável pelo "cuidar". Entretanto suas atribuições vão muito além, e por vezes não é reconhecida como uma intervenção terapêutica estruturada. O acompanhante também tem de maneira direta, uma influência nas ações da criança, principalmente em situações de comportamento separativo e atitudes que socialmente são pouco produtivas. Entende-se que a escola possui uma certa dificuldade para mediar, e é neste momento que o auxílio do acompanhante terapêutico escolar se torna importante. As ações criadas para lidar com os comportamentos inapropriados devem ser desenvolvidas com precaução e cautela, para favorecer a diminuição de comportamentos inadequados.

Antigamente, para se trabalhar como acompanhante terapêutico escolar, o profissional não precisava possuir conhecimentos específicos, e também não haviam exigências quanto ao nível de instrução e estudo para atuar. No entanto, nos últimos anos, acumulou-se estudos e conhecimentos específicos sobre o autismo e de abordagens necessárias para auxiliar o desempenho acadêmico dessas crianças, e percebe-se hoje uma prioridade sobre qual o perfil de profissional está apto para exercer esse papel. Foi pensando especificamente na análise do comportamento que Carneiro (2014) aponta uma necessidade para uma ação racional, ou seja, o nível de conhecimento em fundamentos teóricos e domínio das técnicas precisa estar elevado, para esse profissional conseguir desenvolver e aplicar em seu cotidiano. Sendo assim, esse lugar prioritariamente precisa ser preenchido por psicopedagogos, psicólogos, pedagogos, neuropsicopedagogos, ou por profissional que tenha experiência e habilidade na área da educação, ou que possua qualquer curso de ensino superior na área da saúde ou humanas.

Acompanhante terapêutico escolar atua com um público bastante abrangente, incluindo pessoas com transtornos mentais, deficiências múltiplas, em várias faixas etárias. Ele é responsável por promover uma maior autonomia dessas crianças e jovens, enriquecendo assim seu desenvolvimento social e seu repertório existencial. Entre esse público, se encontra o público de crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista), e no contexto escolar essa criança autista é direcionada com ênfase em atividades pedagógicas, cognitivas, de interação social e comportamental, pontos de maior dificuldade em pessoas com esse transtorno. Estas atividades seguem uma série de abordagens, possibilitando assim uma maior aprendizagem ou uma reaprendizagem, dependendo de cada sujeito acompanhado.

Além de atuar em atividades pedagógicas, mediando também no relacionamento e interação social, no desenvolvimento de habilidades cognitivas, o AT também está apto em acompanhar o aluno em toda a sua rotina escolar, oferecendo amparo quando necessário, intervindo quando ele apresentar algum comportamento que não seja muito produtivo, auxiliando o aluno a continuar realizando suas demandas. Isto não significa que o acompanhante terapêutico escolar irá assumir o lugar do professor, mas ele pode auxiliá-lo na mediação entre professor e aluno, para que a criança autista consiga realizar suas atividades de forma mais independente.

Em caso de atividades escolares adaptativas, o acompanhante deve auxiliar a maior parte do tempo, estando sempre ao lado do aluno, apontando o que este estudante consegue ou não realizar, e sempre adequando as atividades às suas necessidades e limites. Londero e Pacheco (2006, p. 266) dizem que: "é esperado que o AT venha a ser um agente complementar na melhora do paciente e que contribua para a qualidade de vida, tanto do paciente como de sua família".

2.3. Transtorno do Espectro Autista

De acordo com Cunha (2015, p. 36) define-se autismo como “transtorno do desenvolvimento infantil ao longo da vida caracterizado pela dificuldade de interagir socialmente e comunicar-se com os outros, bem como uma tendência a comportamentos repetitivos e interesses restritos que perduram por toda a vida”. Mesmo possibilitando sua inclusão, o indivíduo não deixará de ser autista, a pessoa fará adaptações em seu ambiente para que facilitem sua vida, o que também não é muito fácil, pois essas modificações virão de outras pessoas, as chamadas "pessoas normais". Cunha (2015) citou que não só modificação no sentido de conhecimento e compreensão sobre o mundo autista, mas também uma maior qualidade humana na temática de respeito e sensibilidade. Uma das formas utilizadas para identificar crianças com autismo é o Transtorno do Espectro Autista (TEA), e ele pode ser definido como um transtorno do desenvolvimento que afeta vários aspectos do funcionamento de uma criança, sendo de origem neurobiológica. Silva (2012) Observou que esse transtorno é definido por atrasos na comunicação, interação social diminuída, e uma limitação nas brincadeiras imaginárias e sintomas que incluem comportamentos muito repetitivos ou um interesse restrito em atividades.

O espectro autista aparece basicamente entre o primeiro e terceiro ano de vida da criança, e quando esses sintomas se manifestam, acontece uma interrupção ou regressão do desenvolvimento, porque as crianças passam a perder as habilidades até então adquiridas.

A teoria que descreve extensamente a forma na qual as crianças autistas aprendem é a teoria observacional, em que Silva (2012) ressalta quatro elementos essenciais para o aprendizado observacional: prestar atenção, reter informações e/ou impressões, gerar comportamentos e ser motivado a repetir esses comportamentos. O comportamento desenvolve-se não somente pelo o que o sujeito aprende diretamente pelo condicionamento operante e clássico, como também pelo que ele absorve indiretamente por meio da observação e da representação simbólica de outras pessoas e situações. (SILVA, 2012).

Na afirmação de Cunha (2015), a psicologia do desenvolvimento normal da criança hoje é a base mais eficaz para se encontrar tais objetivos, sendo assim, o estudo explicativo e descritivo de como uma criança normal age em interação com outras pessoas, seu conhecimento social, é matéria de conhecimento obrigatório para o profissional que necessita planejar uma intervenção por meio de orientações pedagógicas de alunos com autismo. Da mesma forma, Cunha (2015, p. 67) acrescenta que o objetivo central da intervenção no aluno com autismo é:

Melhorar o seu conhecimento social e a melhoria das habilidades de comunicação social, bem como alcançar um comportamento autorregulado adaptado ao meio ambiente. O contexto de aprendizagem mais eficaz é aquele com um grau significativo de estrutura, tanto maior quanto menor a idade ou o nível de desenvolvimento.

A escola tem o desígnio de promover o processo de inclusão baseado no aspecto cognitivo, afetivo, social e comunicacional das crianças autistas. Segundo Menezes (2012), às entidades escolares se caracterizam por limitações no trabalho sistemático e articulado entre os diferentes subsistemas, uma vez que não responde a uma política de integração comprometida, que tem como consequência que a escola se isenta de responsabilidades para chegar em objetivos concretos em benefício de crianças autistas, tão pouco se sente preparada para aceitar a responsabilidade de educar pessoas com essa condição.

2.4 Análise do Comportamento Aplicada (ABA)

A sigla ABA vem da abreviação das iniciais do inglês “*Applied Behavior Analysis*”, que em sua tradução significa Análise do Comportamento Aplicada. Essa análise do Comportamento, também conhecida como Behaviorismo Radical ou Comportamentalismo, é uma abordagem dentro do campo da Psicologia, que teve como principal mentor B. F. Skinner (1904-1990). Ela é sustentada por um tripé, sendo ele composto por: pesquisa básica, aplicada e teórica. A pesquisa básica propõe com experimentação baseada em controle de variáveis, responder questionamentos científicos importantes que vão embasar o propósito teórico. Na pesquisa aplicada são utilizados conceitos básicos para irromper em questões sociais que sejam relevantes e, a pesquisa e reflexão teórica concebem os conceitos explicativos do comportamento. Sendo assim, o termo ABA nada mais significa do que uma linha de atuação inserida na abordagem comportamental, na qual é aplicada conceitos teóricos e filosóficos às necessidades e os problemas da sociedade, como por exemplo o TEA (Transtorno do Espectro Autista). A análise do comportamento aplicada ao autismo, assim como é aplicada à educação, também é aplicada ao ambiente de trabalho, esportes ou qualquer meio em que o indivíduo esteja inserido.

Apesar da análise do comportamento ter sua origem na década de 30, época em que Skinner iniciou os estudos em Psicologia, ainda não existia o termo ABA. Nesse começo, os estudos de Skinner, que eram baseados em um método experimental, constituíam a análise experimental do comportamento. As duas décadas seguintes, foram marcadas pela extensão desta metodologia experimental, que antes era realizada com sujeitos infra-humanos, para sujeitos humanos, tendo o foco mais experimental e conceitual, do que de fato aplicado. Em meados dos anos 50 e década de 60, que de fato a análise do comportamento começou a ser aplicada também e com êxito. Na psicologia, análise do comportamento era uma abordagem nova, sendo assim, não tinha grande confiabilidade e divulgação. O local social que foi adepto para pesquisa, foi aquele com pessoas institucionalizadas, tais como manicômios, prisões e hospitais. Foi a partir da década de 70 que se expandiu o espaço para então serem aprofundadas as pesquisas aplicadas com autistas. Então desde o seu início, a ciência ABA foi se familiarizando e se especializando nesse tema. Após isso, foi grande a ampliação do número de pesquisas em análise do comportamento com autistas, e estas pesquisas demonstraram a eficiência da aplicação causando um grande impacto, principalmente nos Estados Unidos, consolidando a utilização do ABA no tratamento do autismo. Foram abertos grandes centros

especializados, criados manuais para os pais, familiares e profissionais e foram publicados artigos científicos que se dedicaram de forma exclusiva a esse tema, resultando no fato de que a ABA tornou-se fortemente associada ao tratamento de pessoas com autismo.

Após a definição do termo ABA, e o impacto que teve no tratamento do autismo, se tornou necessário compreender porque a ABA não pode então ser reduzida a um método, técnica ou simplesmente um protocolo. Um importante ponto para esclarecer isto, é definir o que aplicar, conceitos e procedimentos derivados de uma ciência que é experimental. A primeira questão é definir o termo "aplicada". Três autores, que possuem um significativo impacto na análise do comportamento (BAER, WOLF & RISLEY, 1968), em um artigo relativo à ABA definiram algumas dimensões para nortear essa prática do analista do comportamento. Segundo eles, a "aplicação" ao ser caracterizada pela cientificidade se replica a uma prática fundamentada na 'prestação de serviços'. Nessa prestação de serviços, o profissional precisa resolver as questões práticas de seu cliente, e se utiliza de conceitos e procedimentos que já foram testados, para poder intervir, ou seja, está sob o controle das demandas de seu cliente.

Baer e Col (1968) argumentam que, para assegurar a cientificidade e a qualidade da ABA, os analistas comportamentais devem nortear-se por sete dimensões de ciência aplicada:

1. Ela deve ser aplicada ou utilizada, para atender às necessidades do indivíduo e da sociedade, sendo assim, o comportamento de estudo deverá ser aquele que seja relevante para a sociedade;
2. A intervenção deve ser conceitual, ou seja, seguir os princípios e a filosofia do Behaviorismo radical, estudando o comportamento como produto de eventos ambientais e aplicar-se de procedimentos embasados nesse escopo teórico;
3. Os comportamentos estudados devem ser identificados e medidos com precisão e confiabilidade, antes, durante e após a introdução dos procedimentos comportamentais, dessa forma chega-se a dimensão de uma intervenção comportamental propriamente dita;
4. Esta intervenção deve ser uma intervenção analítica, esclarecendo que a mudança comportamental foi efeito dos procedimentos e programas comportamentais, e não efeito de outras variáveis que não são controláveis;
5. Todas as pessoas que escolhem ABA entendem que a intervenção precisa ser eficaz de modo que contribua para melhorar as condições comportamentais do indivíduo;
6. É necessário que gere mudanças generalizadas, em que esses novos padrões comportamentais sejam preservados no tempo, apareçam em diversos ambientes e que os novos comportamentos sejam desenvolvidos pela pessoa sem necessitar de uma intervenção direta;
- e 7. A ABA também precisa ser tecnológica, os procedimentos procedentes do propósito teórico da análise do comportamento devem ser

bem descritos e definidos, de forma que nossos pares consigam utilizá-los de uma forma fundamentada e coerente. Quanto mais estímulos a criança tiver, no máximo de ambientes possível, melhor é o resultado, não apenas na escola, mas em outros lugares que fazem parte de sua rotina.

2.5. Teoria Behaviorista como embasamento teórico

Behaviorismo é uma teoria decorrente da abordagem comportamental da Psicologia, originado no início do século XX, e carrega a herança de três grandes teorias: Funcionalismo (Darwin e posteriormente William James), Instrumentalismo (John Dewey) e Associacionismo (John Locke e David Hume que se basearam em Aristóteles). Há mais de cem anos o teórico Ivan Pavlov, provou cientificamente com experiências em cães, que a aprendizagem estaria ligada ao associacionismo. Segundo Bock, Furtado e Teixeira (2008), Edward Lee Thorndike foi o principal representante do associacionismo, movimento que defendia que a aprendizagem ocorreria por um processo de associação entre as ideias mais simples, até as mais complexas. Sua importância está no fato de ter sido o criador da primeira teoria de aprendizagem no campo da Psicologia. Para Freire (2004), Thorndike é um precursor do behaviorismo, tendo sua investigação sobre a atuação animais, consistindo em um passo categórico para a explicação do comportamento através de um controle rigoroso e sistemático. Thorndike foi o responsável por elaborar o conceito do aprendizado por ensaio e erro. Essa formulação decorreu de experimentos com animais, que funcionavam da seguinte forma: eles colocavam um gato faminto em uma gaiola, do lado de fora deixavam um alimento que o gato pudesse ver. O gato então iria procurar um meio de sair da gaiola para se alimentar, através de várias tentativas. Esse experimento era repetido durante alguns dias, e aos poucos o gato conseguia sair em menos tempo da gaiola, até que o gato conseguiu sair da gaiola com apenas um movimento que era abrir a tranca, eliminando os erros e ensaios. Brahirolli et al, (2004).

Analisando o experimento descrito, é possível observar que, a aprendizagem por ensaio e erro consistia na eliminação de forma gradual dos comportamentos que levam ao erro. Por outro lado, os comportamentos que tiveram efeito eficiente ficaram mais fortes e evidentes "(...) um ato seguido de satisfação será gravado, enquanto seguido de insatisfação será eliminado. denominou esse processo de lei do efeito" (FREIRE, 2004, p.08). Além da lei do efeito, Thorndike desenvolveu também a lei do exercício, "(...) quanto mais frequente, mais recente e mais fortemente um vínculo é exercido, mais efetivamente será fixado" (FREIRE, 2004, p.08). Em suma, a lei do exercício pressupõe que o ato de repetição fortalece as conexões entre os estímulos e as respostas. Em outras palavras, a prática ou exercício tendem a diminuir os erros e aumentar os acertos.

Nos anos de 1960 e 1980, o teórico Burrhus Frederic Skinner (1981), aprofunda e incrementa essa teoria com ponderações sobre o processo educacional, afirmando que, a

aprendizagem sucede de uma primeira ação do indivíduo que é reforçada, baseando-se pelo condicionamento operante. Também afirma que, os reforços podem ser tanto positivos, quanto negativos, isto é, os positivos têm a tendência de aumentar a frequência da resposta, enquanto os negativos com a punição, saem em direção à extinção de determinada resposta indesejada. O behaviorismo de Skinner, análise experimental do comportamento, até os dias atuais tem grande influência em psicólogos americanos e psicólogos de vários países onde a psicologia americana tem grande impacto, como o Brasil, por exemplo. As pesquisas de Skinner eram realizadas na Universidade de Harvard. Desde suas publicações pioneiras, em 1920 até "*Can Psychology be a science of mind?*" (SKINNER, 1990), artigo finalizado na véspera de seu falecimento, Skinner prosperou uma nova visão de mundo (MICHAEL, 1980), que trata das mais diferentes questões como ética, educação, organização social, cultura, entre outros, de um ponto de vista singular. O estabelecimento do objeto de estudo - o comportamento; a suposição do comportamento como determinado; a pretensão de fazer uma análise científica do comportamento a partir da noção de ciência proposta pela ciência natural; o estudo realizado a partir do dado empírico; o afastamento de toda metafísica do saber científico; a proposta de previsão e controle (MICHELETTO, 2001, p. 30), tudo isto foram contribuições de Skinner.

A tipologia de ciência que vai influenciar Skinner inicialmente é aquela ligada às transformações que a física passava entre o final do século XIX e começo do século XX e as críticas que, naquela época, apareceram contra o modelo mecanicista fundado na física Newtoniana (MICHELETTO, 2001). Esse modelo mecanicista explicava os acontecimentos do mundo no que diz respeito à ação causal de forças diversas, no tempo e no espaço, sobre a matéria; qualquer coisa iria se mover devido à interação mecânica com outras coisas. Além disso, esse modelo considerava que a realidade tinha existência independente do indivíduo e que a experiência e o início de explicação dessa realidade teriam que sempre ser baseados em um mecanismo.

Skinner concentrou seus estudos na possibilidade de condicionar os comportamentos operantes. O comportamento operante é o comportamento voluntário e abrange uma quantidade muito maior da atividade humana, sendo eles desde o comportamento básico do bebê em balbuciar, pegar objetos, olhar e focar nos objetos ao seu redor, e os comportamentos mais complexos que um adulto apresenta. Como Keller (op. cit.) diz que o comportamento operante inclui todos os movimentos de um organismo dos quais se possa dizer que, em algum momento, têm um efeito sobre ou fazem algo ao mundo em redor. O comportamento operante

opera sobre o mundo, direta ou indiretamente. Nesse conceito de comportamento operante são trabalhados alguns conceitos, sendo eles: reforçadores, que podem ser tanto positivos, quanto negativos, como já citado anteriormente, sendo assim, o reforçamento positivo oferece alguma coisa ao organismo, enquanto o negativo permite a retirada de algo indesejável. O conceito de extinção, diz que, assim como podemos inserir comportamentos, podemos então "descondicionar uma resposta". Skinner trabalhou nesse processo de eliminar comportamentos indesejados e inadequados e deu o nome de extinção. Outra maneira de extinção do comportamento é denominada como punição. A extinção pela suspensão do reforço, é uma maneira menos rápida de eliminar alguma resposta. Quando se fala em eliminar um comportamento que seja bastante inadequado e que ele possa trazer qualquer tipo de perigo ao organismo é preciso que seja utilizada uma técnica mais eficiente. Sabe-se que, todo o organismo tem a tendência de se esquivar de estímulos que sejam aversivos, é possível então dosar a intensidade desses estímulos sem agredir o organismo, para desestimulá-lo a continuar apresentando determinada resposta.

O conceito de generalização completa o entendimento de teoria do reforço como sendo uma teoria de aprendizagem. Quando treinamos para emitir uma determinada resposta, poderemos emitir esta mesma resposta em momentos onde notamos uma semelhança entre os estímulos. Esse princípio de generalização é fundamental quando pensamos na aprendizagem escolar. Se a generalização é a capacidade de se notar semelhanças entre estímulos e responder de maneira igual a todos eles, a discriminação é o processo contrário, ou seja, é a capacidade que temos de notar diferenças entre estímulos e responder diretamente a cada um deles.

A principal área de aplicação dos conceitos descritos acima, tem sido no âmbito escolar, são conhecidos os métodos de ensino programado e a organização das situações de aprendizagem. Apesar de que, outras áreas também estão sendo favorecidas com a contribuição das técnicas e conceitos criados pelo behaviorismo, como por exemplo treinamento em empresas, clínica psicológica, publicidade, entre outros. A análise experimental do comportamento é capaz de auxiliar a descrever comportamentos, ajudando a modificá-los em quaisquer situações.

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Identificar como o acompanhante terapêutico pode beneficiar crianças portadoras de TEA no ambiente escolar utilizando-se da ciência ABA.

Objetivos específicos:

- Analisar a importância do acompanhante terapêutico no ambiente escolar para inclusão do aluno autista.
- Descrever os principais desafios durante a inclusão com crianças autistas na escola.
- Apresentar as estratégias inclusivas adotadas por profissionais para melhor desenvolvimento na aprendizagem da criança autista.
- Identificar como a ciência ABA pode impactar positivamente durante o processo escolar.

METODOLOGIA

4.1 Tipo de pesquisa

De acordo com Gil, Antônio Carlos (1999), a pesquisa bibliográfica se desenvolve por material já criado, com base em livros e artigos científicos. Mesmo que em quase todos os estudos seja necessário algum tipo de trabalho desse modelo, existem pesquisas desenvolvidas apenas a partir de fontes bibliográficas. Parte de estudos exploratórios podem vir a ser definidos como pesquisas bibliográficas. As pesquisas que se abrangem de um problema, sobre ideologias também se desenvolvem com embasamento de fontes bibliográficas. Os livros instituem com grandeza as fontes bibliográficas. Podem vir a ser utilizados como referência ou leitura corrente dependendo de sua utilização. Os livros abrangentes de leitura corrente se referem aos diversos gêneros literários como poesia, teatro, cinema, entre outros, e também aquelas obras a serem divulgadas, sendo elas, que trazem consigo objetivo de proporcionar conhecimentos técnicos ou científicos.

4.2 Procedimentos de coleta de dados

Como instrumento para coleta de dados, utilizou-se artigos através da plataforma online acadêmica da Ânima e Scielo. Para seleção foram escolhidos os artigos que continham as palavras-chave pesquisadas. Esses artigos foram selecionados por trazerem embasamento teórico suficiente para evidenciar a importância de a criança autista ter um acompanhante terapêutico em uma fase tão importante quanto a fase escolar. Foram selecionados artigos que embasam a tese de que a ciência ABA é a mais indicada como intervenção do acompanhante terapêutico dentro de sala de aula e demais dependências da escola. Crianças com autismo possuem dificuldades de convívio social e manejo comportamental, por isso a importância de um acompanhante terapêutico dentro de sala de aula. Foram excluídos os materiais que não tivessem relação com a psicologia ou que estivessem fora da proposta definida.

4.3 Procedimento de análise de dados

AUTORES	TÍTULO	ANO	ASSUNTO TRATADO
Angelo Augusto Silva Sampaio	Skinner: Sobre ciência e comportamento humano	2004	Estudos Behavioristas
Síglia Pimentel Höher Camargo, Mandy Rispoly	Análise do comportamento aplicada como intervenção para o autismo: definição, características e pressupostos filosóficos	2013	Intervenções no autismo
Jordana D. Hopp, Ana Rosa M. Albrecht	Análise do Comportamento aplicada para o autismo	2022	Terapia ABA e análise do comportamento aplicada
Paulo Liberalesso e Lucelmo Lacerda	Autismo: Compreensão e práticas baseadas em evidências	2020	Inclusão e compreensão ao autismo
Verônica Gomes Nascimento, Alan Souza Pereira Silva, Maria virginia Machado Dazzani	Acompanhamento terapêutico Escolar e autismo: Caminhos para a emergência do sujeito	2015	Importância de acompanhando terapêutico na escola
Ana furtado Bock	O Behaviorismo	1994	Conceitos sobre essa abordagem da psicologia
Vendiana Fráguas, Manoel Tosta Belinsck	Entre o pedagógico e o terapêutico algumas questões sobre o acompanhamento terapêutico dentro da escola	2001	Acompanhante terapêutico dentro do contexto escolar
Cláudia Miharú Togashi Cátia Crivelenti de Figueiredo walter	As Contribuições do Uso da Comunicação Alternativa no Processo de Inclusão Escolar de um Aluno com Transtorno do Espectro do Autismo.	2016	Inclusão Escolar
Valdenice Elaine dos Santos Clementino Diana Sampaio Braga Antonio Luiz da Silva	A criança autista e o acompanhamento terapêutico escolar: relato de experiência	2022	Acompanhante terapêutico escolar

Emilly Marinho Pessoa Karoline Giele Martins de Aguiar	Práticas Interventivas do Psicólogo Escolar na Escolarização de Crianças com Autismo: Uma Revisão de Literatura	2021	Escolarização de crianças com autismo
Caroline Borges Roberto Gimenez	Educação inclusiva: Um olhar sobre as adaptações curriculares.	2017	Adaptações Curriculares no processo de inclusão

ANÁLISE DE DADOS

5.1 Importância do acompanhante terapêutico no ambiente escolar para inclusão do aluno autista

O acompanhante terapêutico se torna um aliado do aluno portador de TEA no ambiente escolar realizando o papel de integração social desse aluno, assim como, realizar intervenções comportamentais neste ambiente. De acordo com Verônica Nascimento, Allan Silva & Maria Virginia Dazzani (2015) o acompanhante deve trabalhar em um lugar do “entre” sendo ele: entre a criança e o professor, entre a criança com as outras crianças, e em alguns casos, entre a criança e sua família.

O ambiente escolar para crianças neuroatípicas por muitas vezes, torna-se não apenas um ambiente pedagógico, com o objetivo de aprendizagem, e sim um ambiente para desenvolver aspectos sociais e sua independência. Para que esse objetivo seja alcançado, é necessário que haja um acompanhante terapêutico como mediador, tendo como papel auxiliar o autista em suas atividades escolares diariamente.

Para que haja realmente inclusão social desse aluno na escola, não basta apenas fazer com que o autista esteja no mesmo ambiente das crianças neurotípicas, mas sim que ele seja de fato inserido nesse grupo, tanto nas práticas pedagógicas quanto nas relações sociais. Portanto, é importante que aconteça um vínculo entre o autista, o acompanhante, os colegas e o professor. Segundo Assali et al. (1999), assim, o acompanhante convoca a criança para a rotina e a regra dentro da sala de aula, atuando também sobre o ato educativo e produzindo um efeito terapêutico.

Através de uma pesquisa citada por Fraguas (2001), é possível notar a importância da presença do acompanhante terapêutico no ambiente escolar para o desenvolvimento da comunicação do aluno autista. Nota-se que, por meio de técnicas, atenção necessária e estímulo dado para aquela criança, a comunicação entre o aluno e o acompanhante, os outros alunos e o professor mostrou-se em desenvolvimento, ajudando assim a criar um importante vínculo entre eles.

Identifica-se a importância do vínculo no processo de desenvolvimento comunicativo do autista com o acompanhante, o profissional observa que a música poderia ser fundamental para a criança desenvolver habilidades, e utiliza essa ferramenta como suporte. Segundo Fraguas (2002) o trabalho do AT dentro da escola consiste em um acompanhamento da criança

durante todo o seu processo escolar, importante que seja dentro e fora de sala de aula, procurando integrá-la de forma consistente ao grupo de crianças, assim como envolvê-la a participar das atividades propostas pelo professor, sempre respeitando seus limites e adaptando de forma com que seja explorada suas habilidades e potencialidades.

Uma das funções do acompanhante terapêutico, é realizar a adaptação da criança autista, de forma com que seja possível sua integração no meio social, e no contexto escolar. Através da rotina imposta pelo professor, o acompanhante insere essa criança da melhor maneira, manejando e observando seus comportamentos, e intervindo quando necessário, sendo possível que ele realize as atividades do seu jeito e seja incluído no aprendizado igual aos outros alunos, desenvolvendo e aprendendo junto com as outras crianças, ainda que não no mesmo ritmo, mas o importante é estar naquele meio e fazendo parte do grupo.

Ter um acompanhante terapêutico dentro da escola é de suma importância, podendo atuar como mediador para que possa facilitar a inclusão do aluno autista com os demais colegas, professor e outras pessoas inseridas nesse ambiente. Através de técnicas, esse profissional executa a função de contribuir positivamente para o desenvolvimento deste aluno através de estímulos e manejo comportamental no contexto pedagógico e social.

5.2 Principais desafios durante a inclusão de crianças autistas na escola

Entre os principais desafios a serem citados sobre a inclusão no âmbito escolar, aponta-se o pensar no preparo daqueles que estão a frente da educação do sujeito na escola, e recebem de primeiro momento a criança autista em sala de aula. É importante que seja abordado a questão do conhecimento sobre o transtorno do espectro autista, seu conhecer sobre quais necessidades a criança possa ter em sala de aula, tanto com ela mesma, quanto ao seu convívio social com outras crianças, no interagir e dividir, e principalmente, na sua receptividade no ensino. Bosa (2006) Schimidt (2016). ‘A literatura nacional aponta que a grande maioria dos educadores não se sentem preparados para as demandas exigidas pela inclusão escolar, demonstrando que a atuação do professor é fundamental para que essa inclusão escolar ocorra de forma satisfatória.’

E ao falar da necessidade de educadores preparados, é importante lembrar também da importância de uma escola inclusiva no geral, pois caracteriza-se a escola como uma porta de desenvolvimento cognitivo e social, sendo assim um grande benefício para as crianças. O ambiente escolar precisa ser adaptado de modo que insira a criança no convívio de todos daquele meio, sejam os colegas, professores e colaboradores em geral, e o mais importante é que isso ocorra sem que eles se sintam diferente dos demais, e que a escola se torne um lugar confortável e seguro.

Pesquisas apontam um aumento significativo de crianças diagnosticadas com autismo, consequentemente as escolas cada vez mais precisarão se adequar para receber essas crianças. Espera-se que diante das crescentes informações sobre o TEA, diminuam esses desafios, e cada vez mais escolas estejam preparadas para incluir essa população. Benitez & Domeniconi (2015) ‘O ato de incluir um aluno com deficiência em uma escola regular não pode ser visto como um mero ato obrigatório, mas sim como uma prática apoiada em um paradigma educacional voltado à defesa e diversidade dos direitos humanos, tratando-se de um processo social complexo que resulta em ações estabelecidas por agentes distintos envolvidos (direta ou indiretamente) com o processo de ensino-aprendizagem’.

Outro ponto importante, é entender que aquela criança precisa de um acompanhante terapêutico para auxiliar suas necessidades e dificuldades em sala de aula. Esse AT, se colocará a frente em suas demandas de aspectos sociais e na independência da criança em todo contexto escolar, além de que acompanhará a criança em outros ambientes, tendo em vista que por estar

auxiliando em contextos ambientais da criança, o AT pode fazer com que a criança se adapte bem ao ambiente escolar.

Porém, mesmo que seja importante esse acompanhamento terapêutico escolar, nem todos os educadores compreendem como de fato deve ser o trabalho do acompanhante terapêutico, os colocando muitas vezes como os principais responsáveis daquele ensino no papel do professor, ou não deixando ele fazer totalmente seu trabalho com a criança. O AT estará em sala de aula para auxiliar a criança em suas demandas psicológicas e sociais, e conduzir de maneira mais simples a compreensão e colaboração do aluno autista nas atividades e rotinas escolares. Tal profissional é de direito da criança portadora de autismo, e tais divergências entre profissionais devem ser extintas para garantir os direitos da criança. Kupfer (1997), Assali et al. (1999), Fráguas e Berlinck (2001) e Barros e Brandão (2011), citam a repercussão do acompanhante terapêutico como ‘ir além do trabalho de promoção da inclusão no contexto escolar, a sua atuação também tem claras influências sobre a vida do sujeito em todos os âmbitos de sua experiência, inclusive fora dos muros escolares. A partir de um trabalho coerente e reflexivo, é possível que a criança se torne capaz de expressar-se como sujeito principal e agente no curso de suas interações sociais’.

Ainda que a inclusão seja algo complexo na atualidade, jamais deve ser negada. Quanto aos estudos de crianças autistas, é notório o quanto o ato de incluir ajuda em estímulos como por exemplo, na fala. Segundo Kubaski (2014) “demonstra que grande parte das estratégias pedagógicas utilizadas por professores de alunos autistas, pode favorecer em algum aspecto desse aluno, seja na aprendizagem, no desenvolvimento socioemocional ou em outros aspectos.” Para Faria, Teixeira, Carreiro, Amoroso e Paula (2018), é fundamental que o professor tenha conhecimento sobre as características do espectro a fim de favorecer sua prática pedagógica.

5.3 Estratégias inclusivas adotadas por profissionais para melhor desenvolvimento na aprendizagem da criança autista

As estratégias inclusivas reconhecem a diversidade de necessidades e habilidades dentro do transtorno do espectro autista, permitindo que cada criança receba o apoio e acompanhamento personalizado o qual necessita para alcançar seu pleno potencial. As mesmas são utilizadas de acordo com a necessidade apresentada considerando que cada criança é única e que possui sua própria particularidade e desafios a serem enfrentados. Quanto mais cedo as necessidades são reconhecidas e atendidas através de uma intervenção precoce, maior é a probabilidade de que o processo de aprendizagem seja mais positivo. De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria (2019), os sinais do transtorno podem ser identificados entre os 12 e 14 meses de idade, entretanto o diagnóstico ocorre em média, entre os 4 e 5 anos e ressalta que a intervenção precoce pode diminuir significativamente os danos cognitivos e aumentar o nível de adaptação da criança.

Além disso, alguns estudos sugerem que o transtorno pode até não se desenvolver completamente após a intervenção devido a plasticidade cerebral. No contexto escolar, torna-se fundamental trabalhar de forma interdisciplinar sempre dialogando e buscando planejar estratégias que visem auxiliar a criança nesse processo para que os objetivos traçados sejam alcançados gerando os efeitos e o desenvolvimento esperado. Incluir a adaptação de materiais, métodos de ensino e promover um espaço acessível considerando a particularidade de cada criança também apresenta um cunho importante. Hedero (2010) , refere que as adaptações curriculares de forma individual devem acontecer caso outras formas, como as adaptações em grupos e atividades de reforço não tenham efeito positivo devendo ocorrer em menor tempo possível e em ambiente menos restritivo, possibilitando que esse aluno possa, gradativamente participar de maneira mais comum do ensino. Dentre as estratégias adotadas no âmbito escolar no processo de aprendizagem, é importante ressaltar as que correspondem ao escopo inserido na Análise do Comportamento Aplicada (ABA) tendo em vista que esse método busca estimular a autonomia, independência social, aprimorar o desenvolvimento das atividades diárias favorecendo a interação social assim como ampliar o repertório comportamental.

Algumas estratégias embasadas na ABA podem ajudar a promover a generalização e reduzir os comportamentos restritos e repetitivos tais como ensinar a habilidade em diferentes ambientes, com diferentes pessoas e em vários momentos buscando gerar cada vez mais a

constância dos comportamentos apropriados. Leach (2010), considera que as estratégias da ABA requerem estruturação e planejamento, pois as mesmas são guiadas por instruções e atividades diretas, claras e intensivas, considerando o perfil do indivíduo e, em vista disso, quando incorporadas em contextos como na escola de educação infantil, têm o potencial de contribuir para a minimização do comprometimento e o desenvolvimento de novas habilidades. De acordo com Green (2006), um objetivo de forte prioridade é tornar o processo de aprendizado envolvente e divertido para a criança, assim como, ensinar como discriminar entre vários estímulos diferentes. Respostas inapropriadas como birras e autolesão, por exemplo, não são reforçadas e isso frequentemente requer uma análise bem discriminada para determinar quais eventos funcionam como reforçadores para aquelas respostas. Portanto, a criança é induzida a se moldar com respostas apropriadas.

Alguns autores como Cooper (2017), ressaltam que para que a ABA seja eficaz, alguns princípios devem ser considerados, tais como o início precoce da intervenção, intervenção intensiva que está relacionada à frequência de aplicações de sessões, focadas na generalização e em metas individualizadas, participação e capacitação dos responsáveis e intervenção concentrada nos domínios sociais e comunicativos.

De acordo com Gaiato (2022), as estratégias naturalísticas são compostas por técnicas realizadas para a compreensão, tratamento e desenvolvimento de crianças com TEA consistindo em abordagens, em que a criança aprende de forma adaptada à sua realidade, através de brincadeiras e jogos de forma lúdica. O foco é construir o aprendizado através de atividades que sejam reforçadoras para a criança e de uma maneira mais fluída. No caso da ABA estruturada as técnicas são mais sistematizadas e ocorrem de forma mais diretiva e repetitiva onde o profissional apresenta a demanda, a criança apresenta a resposta e tem acesso ao reforçador escolhido oferecendo um formato mais organizado e controlado de ensino.

5.4 Como o ABA pode impactar positivamente durante o processo escolar

A Ciência ABA envolve o ensino intensivo e individualizado de habilidades que são importantes para que a pessoa consiga adquirir autonomia e independência, conquistando uma melhor qualidade de vida. Entre as habilidades ensinadas estão inclusos os comportamentos sociais, como contato visual e comunicação funcional, comportamentos acadêmicos, dentre eles pré-requisitos para leitura, escrita e raciocínio lógico e atividades da rotina diária como higiene pessoal. A redução de comportamentos inadequados como agressão, estereotípias, autolesões, agressões verbais e fugas, também são incluídos no tratamento comportamental, já que estes comportamentos interferem no desenvolvimento e integração social do indivíduo diagnosticado com autismo.

No ambiente escolar, enquanto a criança está em desenvolvimento com o tratamento ABA, geralmente as habilidades são ensinadas em situações do aluno com o professor ou acompanhante terapêutico, através de apresentação de uma instrução ou dica, com o profissional auxiliando a criança através de ajuda, que é chamada de aprendizagem sem erro. Essas oportunidades de aprendizagem são repetidas inúmeras vezes, até que a criança comece a demonstrar habilidades sem erro em diversos ambientes e situações. A principal característica da ciência ABA é o uso das consequências favoráveis ou positivas, que são chamadas de reforçadores. De início, essas consequências são extrínsecas, como por exemplo guloseima, brinquedo, ou uma atividade de interesse da criança. O objetivo é que, com o tempo, consequências naturais produzidas pelo comportamento sejam poderosas o suficiente para manter a criança em aprendizado. Durante esse ensino, cada comportamento que a criança apresenta é registrado de forma precisa para que o seu progresso possa ser avaliado.

O tratamento com a utilização da ABA é realizar uma avaliação abrangente das habilidades que a criança já possui, seus comportamentos inadequados, e a sua capacidade em aprender. A ênfase dessa avaliação é na descrição de como elementos do ambiente tem relação com os comportamentos que a criança exhibe, e chamamos isso de análise funcional. O próximo passo é criar um plano de trabalho em que são definidos objetivos e prazos para que sejam cumpridos. A partir desse plano, se inicia o tratamento propriamente dito. Todo o processo terapêutico é precisamente registrado, sendo possível que o indivíduo seja constantemente avaliado. Durante o processo terapêutico, a criança segue seu próprio ritmo e rotina da escola, jamais avançando para tarefas mais complexas, sem antes dominar as tarefas mais simples. O terapeuta sempre inicia ajudando totalmente e vai se retirando conforme avanço da criança, e

ela jamais é criticada por seus erros.

Para lidar com comportamentos inadequados, são usados procedimentos de extinção, pois eles servem para reduzir a frequência que ocorrem esses comportamentos, como por exemplo birras, autolesão ou resposta violenta. O reforço da resposta inapropriada é suspenso, fazendo com que ela seja enfraquecida, até que deixe de existir. Além da suspensão do reforçador para atitudes e respostas inadequadas, são programados reforçadores para os comportamentos inadequados que vão substituir as respostas que são indesejadas, e que as fazem não serem mais emitidas.

De acordo com Mello (2001) ABA é um tratamento comportamental indutivo, ou seja, tem o objetivo ensinar à criança habilidades, por etapas, que ela não adquiriu. Cada habilidade é ensinada em plano individual, fazendo a criança autista a trabalhar de forma positiva. Ivar Lovaas (1987) foi o psicólogo pioneiro a aplicar os princípios da ABA e DTT (*Discrete trial training*) para ensinar crianças com autismo. Por esse motivo, existem pessoas que falam do “método Lovaas” quando se referem ao ensino de crianças com autismo. É importante entender que, apesar do termo DTT - em português significa ensino por tentativa discreta - ser bastante usado como se fosse um sinônimo de ABA, os dois são termos diferentes, pois a ciência ABA é consideravelmente mais amplo e engloba diferentes tipos de intervenções, estratégias no ensino e manejo comportamental. Enquanto a DTT é um método dentro do universo ABA. Em 1987, Lovaas publicou os resultados de seu estudo de longo prazo sobre o tratamento e modificação comportamental em crianças pequenas portadoras de autismo. O resultado mostrou que em um grupo com 19 crianças, 47% dos que receberam tratamento atingiram níveis normais de funcionamento intelectual e educacional, com QIs dentro da faixa esperada e com um desempenho satisfatório na 1ª série de escolas públicas. 40% do grupo foram depois diagnosticados como portadores de retardo leve e frequentaram classes especiais de linguagem, e os 10% remanescentes do grupo tratado foram diagnosticados como portadores de retardo severo.

Segundo Lovaas (2002), o sucesso da terapia ABA está relacionada com a sua compreensão do autismo não como uma doença ou um problema a ser corrigido, mas como um conjunto de comportamentos que podem ser desenvolvidos por procedimentos de ensino especial. Esta compreensão, segundo Lovaas, permitiria ao profissional focar de forma mais pontual nas características particulares e necessidades específicas de aprendizagem de cada criança autista e aperfeiçoar habilidades adequadas que já existem na rotina dessa criança. Outro

fator apontado como responsável pelos resultados satisfatórios da terapia ABA consiste no fato de os seus procedimentos de intervenção serem embasados por evidências científicas acumuladas e utilizadas com semelhante margem de sucesso em indivíduos típicos. ABA é um método de terapia mais utilizadas para auxiliar a criança com autismo a superar sua dificuldade de comunicação e reduzir os comportamentos indesejados. Essa ciência é baseada em ação e recompensa, ou seja, a criança faz e ganha uma recompensa, sendo tanto um brinquedo, um desenho na tv, ou algum outro item que a interesse. Para que sejam obtidos bons resultados, a terapia precisa ser constante e ininterrupta. Como não é de fácil acesso para todas as famílias, por questões financeiras ou por outros motivos particular, muitos buscam centros especializados gratuito, é comum que pais e familiares aprendam as técnicas em cursos que são ministrados por associações sem fins lucrativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados apresentados, foi comprovado que já se faz necessário que a criança autista tenha um acompanhante terapêutico em sala de aula que saiba manusear as técnicas de análise comportamental para que o resultado da terapia seja satisfatório. Foi dissertado o quanto a ciência ABA ajuda crianças autistas em suas maiores dificuldades, respeitando sua limitação e capacidade de aprender e o tempo de aprendizado. Acompanhante terapêutico não é apenas um cuidador, ele utiliza da ciência como sua aliada no processo de interação do aluno autista com os demais colegas e funcionários no ambiente escolar. Foi pontuado e considerado as grandes contribuições de behavioristas como Skinner, Lovaas, dentre outros, como sendo imprescindíveis para a aplicação da terapia ABA com o intuito de ajudar pessoas com TEA. Sabe-se que o autismo não tem cura, porém existe tratamento e pode ajudar os pacientes, contribuindo com uma significativa evolução no seu quadro de aprendizagem, por isso torna-se tão importante a presença de um acompanhante terapêutico em sala de aula, pois a escola é o primeiro ambiente de aprendizagem de uma criança logo em seus primeiros anos de vida. Ter a junção de um AT, utilizando-se da ABA dentro de sala de aula é um meio de garantir êxito na terapia. Como apontado, trata-se de de uma abordagem dentro da psicologia comportamental, o behaviorismo, que foi adaptada e hoje é um método capaz de identificar e estudar as relações funcionais entre o comportamento do indivíduo e seu contexto ambiental. A terapia ABA utiliza essas informações obtidas para planejar as melhores intervenções, buscando sempre a melhoria e o bem-estar social da criança.

Incentivar a criança autista a fazer parte da sala de aula, é importante para que elas sintam que são pertencentes àquele grupo e meio social. Foram apresentados dados, estudos e comprovações de que essa ciência funciona e as chances da criança conquistar autonomia, são bem maiores do que se ela só estiver em sala de aula, sem nenhum mediador a ajudando em suas limitações intelectuais.

Em termos de pesquisa e conteúdo, o tema é facilmente encontrado em discussão, o que mostra que é uma área em constante mudança e evolução. A maior dificuldade foi em conseguir reunir tudo para montar uma análise de dados funcional e de fácil entendimento. Os autores encontram-se em concordância com o tema e com a ciência que envolve ele, e ter a ciência comprovando a teoria, torna o assunto mais forte e evidenciado.

REFERÊNCIAS

- BAUM, W. M. **Compreender o Behaviorismo: ciência, comportamento e cultura**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BOCK, Ana; FURTADO, Odair e TEIXEIRA, Maria. **Psicologias. Uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1992. pág. 38-48.
- CABRAL, Cristiane Soares. **Inclusão escolar de crianças com TEA: Uma revisão sistemática da literatura**. Artigo Educ. Rev. 33, 2017.
- CAMARGO, Sígla Pimentel Höer, **Desafios no processo de escolarização de crianças com autismo no contexto inclusivo: diretrizes para formação continuada na perspectiva dos professores**. Educação em revista, Vol. 36, 2020.
- CARLOS, Antônio Gil. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3. ed. — São Paulo: Atlas, 1991.
- DITTRICH, A. **Behaviorismo Radical, Ética e Política: Aspectos Teóricos do Compromisso Social**. Tese de Doutorado em Filosofia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.
- FRAGUAS, Vendiana. **Entre o pedagógico e o terapêutico algumas questões sobre o acompanhamento terapêutico dentro da escola**. Estilos clin. Vol.11, 2001.
- GOULART, Paulo. **Estudos sobre autismo em análise do comportamento: aspectos metodológicos**. Rev. bras. ter. comport. cogn. [online]. 2002, vol.4, n.2, pp. 151-165.
- KAULFUSS, Marco Aurélio, **Behaviorismo: Conceitos e Preconceitos**. Docente da faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva.
- LEMO, Emellyne Lima M. Dias. **Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar**. Rev. bras. educ. Espec., 2014
- MARTINS, Juliana dos Santos. **A adaptação de crianças com autismo na pré-escola: estratégias fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada**. Rev. Bras. Estud. Pedagog. 104 • 2023.
- MORAIS, Tatiane Farias. **A importância do método ABA na inclusão de aluno com TEA na educação básica**. *Só Pedagogia*. Virtuosa Tecnologia da Informação, 2019.
- MONTELLATO, Juliana. **Caminhos para a inclusão**. Rev. bras. educ. espec. 14 (1), 2008.

MONÇÃO, Elida da Costa. **Estratégias comportamentais para o desenvolvimento da linguagem em crianças Autistas.** Vol. 9 No. 1 - (2023).

NASCIMENTO, Verônica Gomes, **Acompanhamento terapêutico escolar e autismo: caminhos para a emergência do sujeito.** Estilos clin. Vol.20, 2015.

SAMPAIO, Angelo Augusto Silva, **Skinner: Sobre a ciência e comportamento humano.** Psicol. Cienc. Prof. 25 (3) – 2005.

WEIZEMNANN, L. S., **Inclusão escolar e autismo: Sentimentos e práticas docentes.** Psicologia escolar e educacional, Vol. 24; 2020.